

MILSON HENRIQUES

Entrevista a Erildo dos Anjos
fotos de Joeir Gonçalves Secreta

Como analisaria a situação atual do teatro em Vitória?

Milson — Por incrível que pareça, com esperança. Como uma renascença. Aliás, um dos meus maiores defeitos é a qualidade de sempre ter esperança, de ver crescerem árvores no deserto. Agora, espero o renascer do nosso teatro, que depois de um ótimo período com Plínio Marchini e Marien Calixte à frente da Fundação Cultural e do Teatro Carlos Gomes, sofreu o maior desastre que poderia com a pretensiosa, hermética e estéril gestão da professora Elzi Moraes, uma pessoa muito culta e capaz, em outro setor, nunca num órgão daquele. Principalmente por não possuir a suficiente humildade de reconhecer os erros, cujo maior deles foi a importação do costumeiro Gilson Sarmiento, que, com sua irreversível vocação para o anonimato conseguiu fugentar o público que já estava indo ao Carlos Gomes. Embora, no fundo, o culpado maior tenha sido o ex-governador Arthur Carlos, que tudo assistiu cômoda e apaticamente, à destruição da Fundação perante opinião pública.

O que acha que o Arthur Carlos poderia fazer?

Milson — Ué!... Assim que ele viu que a estrutura estava se desmoronando, tinha de ter chamado os responsáveis para uma conversa franca e saber o porquê de tudo. A diferença entre a gestão da Euzi Moraes e as anteriores era muito acentuada e qualquer leigo no assunto percebeu isso. Ele então o governador, teria de ter tido a coragem de reconhecer o erro e recomeçar com outra pessoa.

A pergunta é no sentido de fazer algo para formação de teatro em Vitória. A diretora da Fundação Cultural atual, Beatriz Abaurre, disse uma frase, em entrevista recente: "Nossa geração é do cinema, espero que a próxima seja a do teatro". Em Vitória existe ator?

Milson — Vamos por partes. É claro que existe ator. Vitória não é inferior a qualquer lugar do Brasil! Existem mil anônimos por aí, que não sobem ao palco por falta de incentivo, aí também estou respondendo outra coisa que o ex-governador deveria fazer, ele que era até crítico de cinema. Mas, o problema do ator capixaba, ele só aparece quando já está certo de que deve ir para o Rio ou São Paulo. E mesmo dos que estão atuando esporadicamente por aqui, existe gente de talento, como José Augusto Loureiro, Luiz Tadeu, Paulo de Paula, Alcione, Cidinho e outros.

Sobre a atual diretora da Fundação Cultural, Beatriz Abaurre, devo dizer que confio na honestidade e na vontade, prin-

cipalmente, de acertar, confiei no antecessor, José Costa. Embora ache — e aqui não vai nenhuma crítica aos dois — que as pessoas não podem e não devem ser escolhidas "já-que-não-tem-outro- vamos-botar-a-quele-mesmo", e sim por conhecimento, méritos. Mas eu digo que confio em Beatriz Abaurre não é à toa. Esta frase dela, que você falou, "nossa geração é do cinema, espero que a próxima seja a do teatro", não é uma beleza? Este válido argumento que ela usa era o mesmo que o Marien usava. Ora, nós somos uma geração que desde os cinco, seis anos estamos acostumados a ir ao cinema. Se houvesse um teatro ao lado de um cinema e todos dois estivessem levando o mesmo espetáculo (cada qual na sua especialidade, obviamente), o público todo iria ao cinema e deixaria o teatro vazio. Por costume. Mesmo que o preço fosse o mesmo. Então, essa geração, a nossa, já está perdida. Temos de cuidar da próxima, que conta com um perigo muito maior que é a robotização asfixiante da televisão. Temos de fazer teatro infantil, e principalmente infanto-juvenil, já que esta é a faixa etária mais prejudicada, pela quase total proibição dos filmes de 18 anos. O garoto de 14 ou 15 anos não se amarra mais em Donas Baratinhas ou Fadinhas e fica sem ter onde ir. A solução desesperada é Os Trapalhões, Moacyr Franco, Silvio Santos, etc.

Muito bem. E diretor, técnicos, etc. Existe de que maneira?

Milson — Técnicos não... Geralmente as pessoas que querem fazer teatro começam por vaidade pessoal, querem aparecer, serem vistas, dar vasão ao narcisismo que existe em todos nós. Alguns poucos chegam ao paleo e descobrem que sua verdadeira vocação está na parte técnica, como iluminação — importantíssima no teatro — sonoplastia, cenografia, etc. A Fundação tem que cuidar mais desta parte, e dar bolsas a quem se interesse, principalmente agora que a televisão vem aí. Quanto aos diretores, acontece o mesmo. Embora agora tenhamos aí o Paulo de Paula, Toninho Neves... Pessoas em quem eu tenho esperança, porque além de talento, tem a coragem suficiente de largar tudo e fazer do teatro o seu ganha-pão, com todo o risco e heroísmo que esta profissão exige num país, digamos em desenvolvimento.

Qual é, então, o motivo da total ausência de peças em cartaz com autores X e autores locais? A que atribui isso?

Milson — Bem, no ano passado participei de três manifestações no Carlos Gomes e todas com sucesso, modestia à parte. **Carmélia por Amor**, onde fui autor, juntamente com Amylton de Almeida, diretor e ator, e encerrou carreira com casa lotada. Fiz também, como autor e diretor, uma peça para os alunos da Emescam. **Um Doutor na Família**, incluída no show **Sem Compromisso**, que também encerrou com casa lotada. Tanto que foi reprisada um mês depois, e, como ator, participei de **O Inspetor Geral**, de Gogol, onde fui dirigido por Toninho Neves. Apesar da divergência de crítica, teve relativo sucesso junto ao público. Então, eu acho que existe um movimento, mesmo que bastante irregular, muito difícil. Peças existem, público também... Quanto à ausência de atores locais, o pouco prestígio, isso é compreensível por aquele antigo chavão que "santo de casa não faz milagres". Ora, o público está acostumado a ver atores, atrizes e cantores de fora, somente através de capas de revistas coloridas, televisão. São, como se fossem, pessoas inatingíveis. Já o ator — ou cantor capixaba — é visto numa noite no paleo e o espectador delira e fica lá.

Milson Henriques dispensa apresentações. São 10 anos de Vitória, com 14 peças escritas, entre infantis e adultos, 8 apresentadas.

Sproibidas, 1 inédita e outras atividades, dentro da arte. Festivais de música, promoveu 5, alguns shows e no jornalismo é o único autor brasileiro publicado na revista Patota, onde seu personagem Marly disputa o público com Mafalda, Snoopy, Zé do Boné, Mago de Id e outros.

Mas é principalmente no teatro que seu talento agrada a todos. Como diretor e ator, foi o criador do teatro infantil em Vitória e conseguiu fazer com que o público passasse a adotar o hábito de ir ao teatro.

Antes dele, evidentemente, existiu teatro no Espírito Santo, mas totalmente irregular e sem o principal: criar um público.

Se o seu trabalho tivesse tido sequência, hoje, certamente, teríamos público formado, atores infantis e adultos, com vários grupos de teatro.

Agora, reinicia-se esse trabalho. Antes tarde do que nunca, já dizia minha avó. Ou melhor, convenhamos, ainda não é tarde!...

Amanhã, em solenidade, às 14 horas, na Assembléia Legislativa do Espírito Santo, Milson Henriques recebe o título de Cidadão Capixaba.



"Não admito que digam que no Espírito Santo não tem grupos de teatro"

O TEATRO ESTÁ DE VOLTA

No dia seguinte ele vai comprar pão e vê ali na fila, prosaicamente, de sandália de dedo, esperando a vez de ser atendido, quem? O seu quase futuro ídolo. Aí, cai por terra toda a ilusão. Aliás, não é só no Espírito Santo, em todo lugar é assim. Basta Raquel Welch ou Liza Minnelli levar mais de três dias no Rio de Janeiro que o carioca já fica de saco cheio e não liga mais. Bem, saco cheio, não. Acostumado.

Vamos voltar às gerações. Qual é o risco da próxima?

Milson — A televisão é o futuro. Na minha opinião (aliás, quem está sendo entrevistado sou eu mesmo, não é?) o teatro ao vivo futuramente vai ficar tão restrito a uma elite como hoje está a ópera. Então a solução é a mais antiga de todas: quando não se pode combater um inimigo, alia-se a ele. O negócio é levar o bom teatro para a televisão. A novela já é um início — pessimamente feito, é verdade — desta afirmativa.

E o teatro infantil?

Milson — É o maior público que existe. Quando eu dirigia um grupo patrocinado pela Fundação Cultural — antes do terremoto — tínhamos casa cheia todos os domingos, inclusive com cadeiras extras. Fui até convidado para apresentar uma peça de minha autoria no Teatro Opinião do Rio, durante dois meses, só não conseguindo porque, por azar, na época o nunca assaz citado sr. Gilson Sarmiento foi nomeado meu chefe e negou-se a emprestar as roupas que estavam trancadas no depósito do Carlos Gomes. Isso depois de eu já haver ensaiado duas semanas com atores cariocas. Aliás este fato foi amplamente divulgado por entrevistas que dei na época para todos os jornais capixabas, as quais, creio eu, foram responsáveis pela minha demissão pela professora Euzi Moraes — além de eu não saber falar inglês, é óbvio.



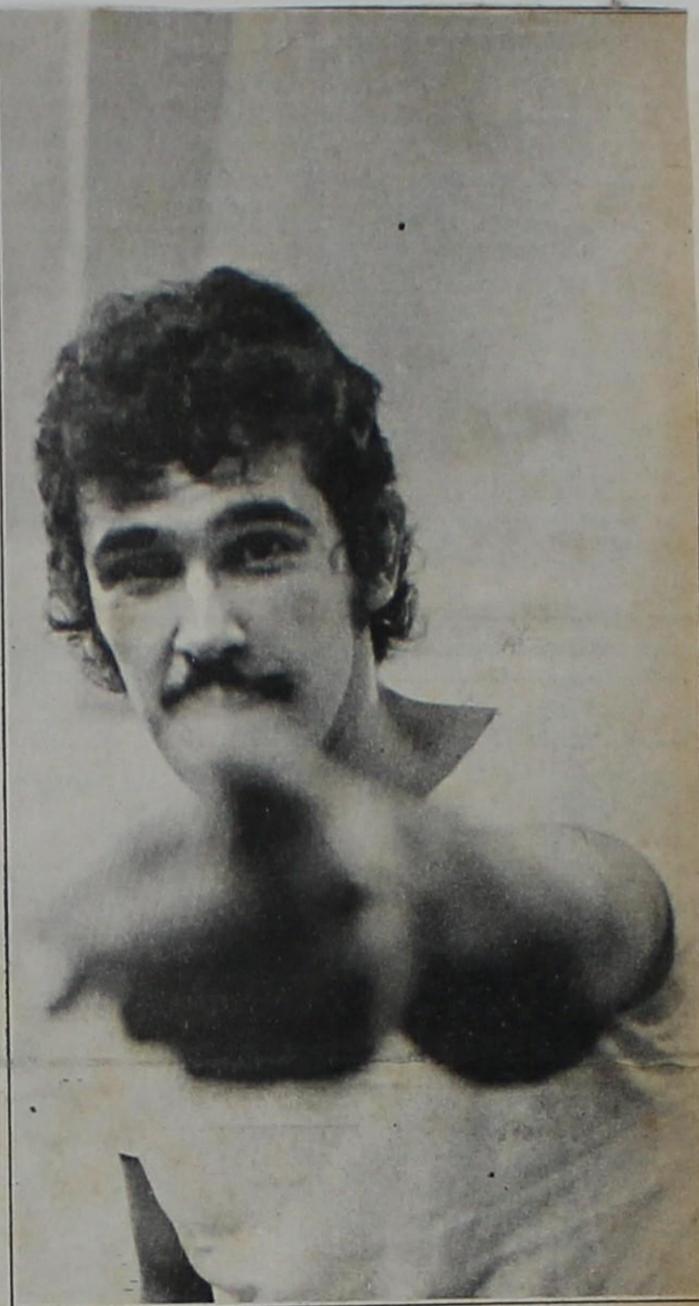
"O título de Cidadão Capixaba me deixa muito orgulhoso".

A Fundação Cultural, parece-me, anuncia que iria encampar o mercado artístico capixaba. Ou coisa parecida...

Milson — Seria, se não uma solução, uma ótima tentativa. Com exceção de Toninho Neves, todas as outras que tentaram fazer teatro a sério aqui em Vitória, desistiram e partiram para outro setor por falta exatamente de um apoio. Quando alguém se dedica a teatro, tem de pensar, respirar e viver teatro. Sem outras preocupações.

O título de cidadão capixaba, que a Assembléia Legislativa lhe dá, como é recebido?

Milson — Com orgulho e muita naturalidade. Acho que o lugar onde se nasce é o de menor importância, já que não se pode escolher. Passei a minha infância no Estado do Rio, minha juventude no Rio, depois São



"Vou fazer um apelo"...

Paulo e Bahia. E escolhi o Espírito Santo para fixar raízes. Foi aqui que assumi minhas verdades e dissipei minhas dúvidas. Aprendi a rir, sofrer, calar de um modo capixaba. Me sinto capixaba ao ponto de poder falar mal desta josta desta cidade, que é provinciana e linda, embora lutem para acabar com sua beleza. No fundo sempre fui capixaba, já sabia disto antes de vir para cá. Portanto, nada mais justo que a cidade deixar de ser minha madrasta e legalizar a situação. Agora passarei realmente a ser filho dela.

O que falta para uma vida artística mais intensa?

Milson — Apoio. Incentivo. Confiança nas pessoas. Dinheiro. E, principalmente mais um ou dois teatros menores, onde se possa ensaiar e apresentar peças que não sejam necessariamente lucrativas. Imagine o Rio de Janeiro tendo apenas o Teatro Municipal. Assim é Vitória. Só tem o Teatro Carlos Gomes. Se você quiser fazer uma peça experimental, independente de dar público ou não, não pode porque dá prejuízo ao Carlos Gomes com o uso do ar refrigerado, iluminação, hora extra dos funcionários, etc. Para se criar realmente um público de teatro, temos de levar uns cinco ou seis anos — sem interrupção — com casas vazias, até que esse público se acostume. E no Carlos Gomes isso é impossível.

Planos?

Milson — Ter um pequeno teatro. Por falar nisso, aqui vai um apelo: estive há pouco no Rio, no Serviço Nacional de Teatro, para tratar deste assunto e fui informado pela Diretoria da Fenata — Federação Nacional do Teatro Amador, um órgão governamental, que ajuda os grupos amadores dos Estados, que os únicos

Estados onde este órgão inexistente são Rondônia e Espírito Santo. Isto porque o irrequietíssimo sr. Gilson Sarmiento declarou àquele órgão que aqui não existem grupos amadores.

Por esse motivo o responsável pelo Espírito Santo é o representante de Minas Gerais. É mais um desserviço que antiga gestão da Fundação Cultural presta ao Estado. Portanto, aqui vai um apelo a todos os dirigentes de grupos amadores de todo o Estado (Cachoeiro, Colatina, Guaçu, Guarapari, todo mundo) que me procurem, ou a Toninho Neves no Teatro Carlos Gomes, para que se marque uma reunião para discutir sobre o registro legal dos grupos, mesmo que estejam parados há um ano ou mais. Existindo três grupos registrados em todo o Estado, já poderemos ter um representante na Fenata. Vamos tratar disso?

Quais são suas atividades atuais?

Milson — Foi bom ter perguntado, já que tem gente insinuando que estou acomodado. Não quero mais é a loucura do ano passado, quando de repente me vi ensaiando três peças ao mesmo tempo e quase fiquei mais doído do que sou. Mesmo assim, entrei numa bananosa. Além de ter de produzir, no mínimo, cinco tiras de Marly, desafei-me a fazer uma coisa que tenho pensado há anos: uma peça toda em verso e musicada (não é influência de Gôta d'água, é mais cordel). Como o tema que escolhi foi Maria Ortiz e a ação é passada em 1625, portanto em tratamento da segunda pessoa do plural — para os mais ignorantes que eu e vós — e haja rima. Um simples diálogo de uma página leva três ou quatro dias para ser escrita. O nome é **Maria, quem diria** e começo os ensaios esta semana, para ser apresentada no principal outubro, pelos alunos da Fenata.